

MUNDO DO

m f d i a
DBO

leite

A Revista do Mercado Lácteo

Dez/2013 - Jan/2014 - Ano 11 • Nº 64 • R\$ 8,00

A qualidade que queremos

Para conseguir um leite melhor,
só mesmo com a união de esforços
de toda a cadeia láctea.

No Especial Qualidade

**Em época
de bonança,
confinamento
é banalizado.**

**Vacina contra
papilomatose
só depende
de mais verba**

Em busca de vacas persistentes

Na nossa última coluna da edição anterior, discutimos o quanto de dinheiro deixa de entrar em uma propriedade leiteira por causa de falhas na reprodução. Vacas com problemas reprodutivos e que demoram a emprenhar após o parto trazem um prejuízo de certa forma imperceptível, apesar de sua grande magnitude. Infelizmente amigo produtor, não é somente a reprodução irregular que reduz a receita da sua propriedade. Desta vez, discutiremos um outro fator que sorrateiramente mantém diversas propriedades leiteiras no prejuízo, com baixa produtividade e pouca eficiência no uso dos recursos produtivos: a persistência da lactação.

Por definição, a persistência de uma vaca leiteira é a taxa de queda na produção de leite após o pico de produção. Vacas persistentes têm uma pequena queda no mês a mês, algo como 3% a 5% com relação à pesagem do mês anterior. Vacas de baixa persistência têm uma queda rápida após o pico, e, portanto, reduzem a produção 10% a 15% todo o mês, chegando ao décimo mês produzindo muito pouco leite.

Para ilustrar a diferença entre vacas de alta e de baixa persistência, vamos imaginar por um instante duas matrizes colegas de fazenda. Ambas tiveram uma linda história juntas, sendo amigas e confidentes desde bezerrinhas na coleira. Compartilharam toda a alegria da adolescência e depois as dúvidas do primeiro parto quase juntas. Dividiram piquetes rotacionados e também a silagem nossa de cada dia, ano após ano. Eram quase inseparáveis e, devido a essa grande amizade, combinavam de namorar o touro Tufão na mesma semana. Os partos logicamente foram também próximos e elas competiam para ver quem produzia mais leite. E olha que não passavam vergonha não, pois no pico de produção faziam bonito! Lá por volta do segundo mês de lactação ambas produziam 20 litros.

Carga genética

Mas havia algo que distinguia as duas amigas: a carga genética. Em uma delas o conjunto



ANDRÉ NOVO
Agrônomo
e pesquisador da
Embrapa Pecuária
Sudeste, de
São Carlos, SP.



Já passou da
hora de rever
conceitos e
pensar na
lactação como
um todo e
não somente
no pico de
produção.”

de genes da persistência estava presente, e na outra nem tanto e por isso as semelhanças entre as amigas acabavam por aí mesmo. No terceiro mês, enquanto uma delas produzia 19 litros, a outra já exibia sinais claros do seu genótipo menos favorecido, produzindo apenas 17. Enquanto uma reduzia a produção pouco a pouco, a outra cortava a produção rapidamente na taxa de 15% todo santo mês. Ao fim da lactação, a amiga persistente ainda produzia 12 litros diários, enquanto a enciumada colega apenas pouco mais de 5 litros/dia. Não, nada de errado aconteceu com esta última, ambas tiveram alimento de boa qualidade, sanidade e conforto idênticos. Pois bem, agora chega de romance e vamos fazer contas!

Ao fim da lactação a vaca de alta persistência produziu ao redor de 4.700 litros (média de 15,4 litros/dia) e a outra colega apenas 3.500 litros em 305 dias (média de 11,7 l/dia). A “pequena” diferença de 3,7 litros/vaca/dia representa num rebanho de 50 vacas em lactação um prejuízo de 185 litros a menos todo santo dia. No fim do ano, a bagatela de 67.500 litros deixou de fazer parte da renda do produtor. Com o preço do leite na casa de R\$ 1/litro um sistema de produção que privilegia vacas de baixa persistência deixou de render R\$ 5.600,00 a mais por mês.

“Mas como pode isso? As duas são vacas de 20 litros!”, pode argumentar um assustado produtor. Pois é, amigo, já passou da hora de rever conceitos e pensar na lactação como um todo e não somente no pico de produção. Mas então por que poucos falam sobre isso? Porque poucos fazem controle leiteiro regularmente e quase ninguém analisa tecnicamente os resultados. Ainda persiste no meio rural a ilusão dos altos picos de produção no início da lactação. Diz o ditado popular que aquilo que os olhos não veem o coração não sente. Mas o bolso impiedoso sente, e muito. Na próxima edição trataremos de outro tema que, sem você perceber, reduz muito a renda da propriedade: a estrutura de rebanho. Até a próxima! ■